

## **Patrimônio-territorial em territórios festivos: uma análise da marujada de dois santos em uma cidade da Amazônia paraense para a sustentabilidade territorial**

### **Territorial heritage in festive territories: an analysis of the marujada de dois Santos in a city in the Amazon of Pará for territorial sustainability**

Enviado em: 30-08- 2023

Aceito em: 02-01-2024

**Dilma Oliveira da Silva<sup>1</sup>**

#### **Resumo**

Este artigo integra elementos de uma pesquisa de doutorado com análise nos territórios e nas territorialidades de festas, considerados patrimônios na Amazônia paraense. Trata-se de uma análise sobre a importância da valorização do patrimônio imaterial na perspectiva teórica do “patrimônio-territorial” que revela a história dos territórios, frisando o empoderamento e a presença dos patrimônios pelas manifestações culturais na Amazônia. O principal questionamento deste estudo é: como a festa da marujada de Tracuateua/PA pode desenvolver um patrimônio-territorial? Identificaram-se ações e planos de estratégias dos sujeitos inerentes na festividade, os quais são vivenciados e compartilhados entre os pares por meio de símbolos e significados reveladores de um patrimônio cultural fincados nos saberes e fazeres da festa. Assim, o território festivo da marujada é composto de um poder/fazer que contribui para as suas estratégias de permanência e sobrevivência, com práticas planejadas e articuladas pelos seus sujeitos, com continuidade histórica desse fenômeno cultural.

**Palavras-chave:** Sustentabilidade territorial; Patrimônio-territorial; Festa

#### **Abstract**

This article integrates elements of a doctoral research with analysis of the territories and territorialities of parties, considered heritage in the Amazon of Pará. These are analyzes of the importance of valuing intangible heritage in the theoretical perspective of "territorial heritage" that reveals the synthesis of the history of territories emphasizing the empowerment and presence of heritage through cultural manifestations in the Amazon. The main question of this study is how can the *Marujada* party of Tracuateua/PA develop a territorial-patrimony? Actions and strategies plans of the subjects inherent in the festivity were identified, which are experienced and shared among peers through symbols and meanings that reveal a cultural heritage rooted in the knowledge and practices of the party. Thus, the festive territory of the sailors is composed of a power/doing that contributes to their strategies of permanence and

---

<sup>1</sup> Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Pará – UFPA (2023); Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará – UEPA (2018); licenciada em Geografia e professora de Geografia na Secretaria Estadual de Educação do Pará. E-mail: [dilmaanika@gmail.com](mailto:dilmaanika@gmail.com)

survival, with practices planned and articulated by their subjects, with the historical continuity of this cultural phenomenon

**Keywords:** heritage; territory; party

## INTRODUÇÃO

É notória a tendência de associar o patrimônio somente ao aspecto material ligado à riqueza e às edificações herdadas ou que possuem algum valor afetivo nas construções que ficam visíveis nos centros históricos ou nas paisagens das cidades. Tendemos, ainda, a relacionar o patrimônio a bens culturais tombados ou registrados pelos órgãos responsáveis, como Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional (Iphan) e Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

No entanto, patrimônio não se limita apenas ao sentido de herança (i)material pela lógica da institucionalização, àquele que precisa ser registrado ou tombado pelas políticas patrimoniais. Ele também pode ser caracterizado e definido pelo viés da “ativação popular” dos territórios produzidos por nossos antepassados, resultantes das experiências, dos fazeres, dos saberes e das memórias coletivas ou individuais, pois “o patrimônio não aparece como uma simples prótese cultural, mas como elemento vivo da dinâmica da construção histórica dos territórios, [...] que se faz no devir [...] e para além do institucionalizado patrimônio” (Costa, 2015, p. 19).

Este estudo, que integra a perspectiva do patrimônio-territorial, é uma proposta conceitual, metodológica e decolonial. É um elemento para pensar as resistências de grupos tradicionais que historicamente foram subalternizados. Ele parte da presença dos patrimônios manifestados nas relações territoriais, nas estratégias e nos modos de ser e viver dos grupos.

Costa (2015), apresenta a definição do patrimônio-territorial como um conjunto de técnicas metodológicas, como ações e estratégias territoriais que possibilitam analisar as experiências e as vivências do cotidiano pelo qual se pode atribuir sentido à vida, visibilizar os saberes e fazeres locais como patrimônio dos grupos tradicionais.

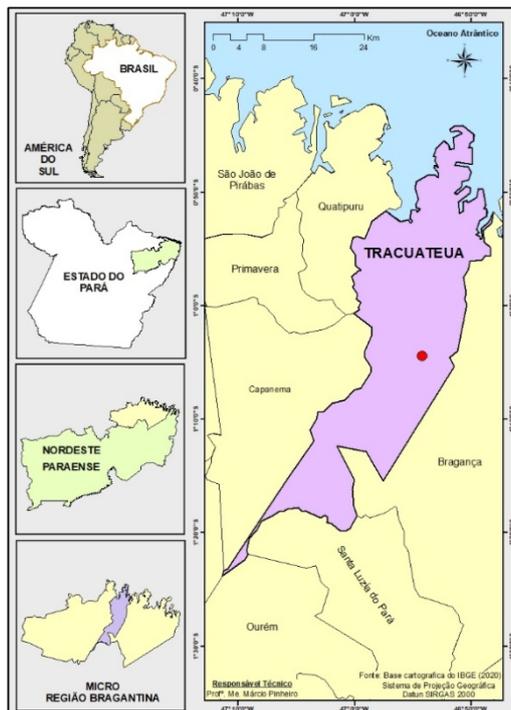
A partir dessa perspectiva popular do patrimônio e de sua importância para as dinâmicas territoriais, o presente estudo se encarrega de refletir as interfaces entre o saber/fazer dos grupos com seus bens culturais nos territórios religiosos construídos pelo movimento da festa, isto é, problematizar a patrimonialização global, aquela oficial instituída pelo Estado no sentido de marcar (tombar e registrar) como uma cultura relevante para os lugares e que não consegue atender a todos os bens (i)materiais. Em contrapartida, enxerga no patrimônio-territorial uma alternativa para pensar a ativação dos patrimônios pela lógica da popularização, pelos conhecimentos e aprendizagens produzidos nas vivências populares.

Como procedimentos metodológicos, iniciamos com uma revisão bibliográfica, acompanhada de uma pesquisa documental para o amadurecimento dos conceitos e categorias analíticos do estudo, pois trata-se de uma pesquisa qualitativa com abordagem dialética. Para tanto, foram usadas como técnicas de pesquisa: a observação participante, as entrevistas semiestruturadas e os formulários virtuais com sujeitos participantes da Festa da Marujada de Tracuateua.

Para identificar os elementos e ações que caracterizam um patrimônio-territorial, esboçamos um recorte espacial com análise para a Festa da Marujada de Tracuateua/PA<sup>2</sup>, conforme cartografia a seguir, a qual destacamos como uma das peculiaridades que contemplam o desenvolvimento territorial e elementos para a preservação dos patrimônios das cidades da Amazônia brasileira.

---

2 Localizada no estado do Pará, na mesorregião nordeste e microrregião bragantina, e distante 188 km de Belém (capital), Tracuateua é um dos lugares paraenses que apresentam cenários atraentes e exóticos, com suas identidades, suas culturas. É caracterizada por uma multiplicidade paisagística com a presença de regiões de campos naturais, regiões de colônias e regiões de praias. Predominam no município os campos naturais, especificamente os das comunidades de Santa Tereza, Cocal, Santa Clara, Tatu, Flexal, Flexeira e Chapada. No inverno, os campos de Tracuateua lembram algumas paisagens marajoaras. A semelhança se dá por conta das estações de chuva e de sol. No período de inverno, as águas cobrem a vasta área dos campos que servem para pasto de criação de bovinos e búfalos. Conforme vai chegando o verão, as águas vão diminuindo seu fluxo, definindo os córregos como fonte de captura de pescados e aves migratórias (marrecas). Alguns córregos não secam e são utilizados como via de acesso aos rios, igarapés e manguezais em direção à praia de Quatipuru-Mirim, território da Reserva Extrativista – RESEX Tracuateua (Silva, 2017).



**Figura 1** - Localização geográfica do município de Tracuateua/PA. **Fonte:** PINHEIRO (2021); Base Cartográfica do IBGE (2020); Sistema de Projeção Geográfica.

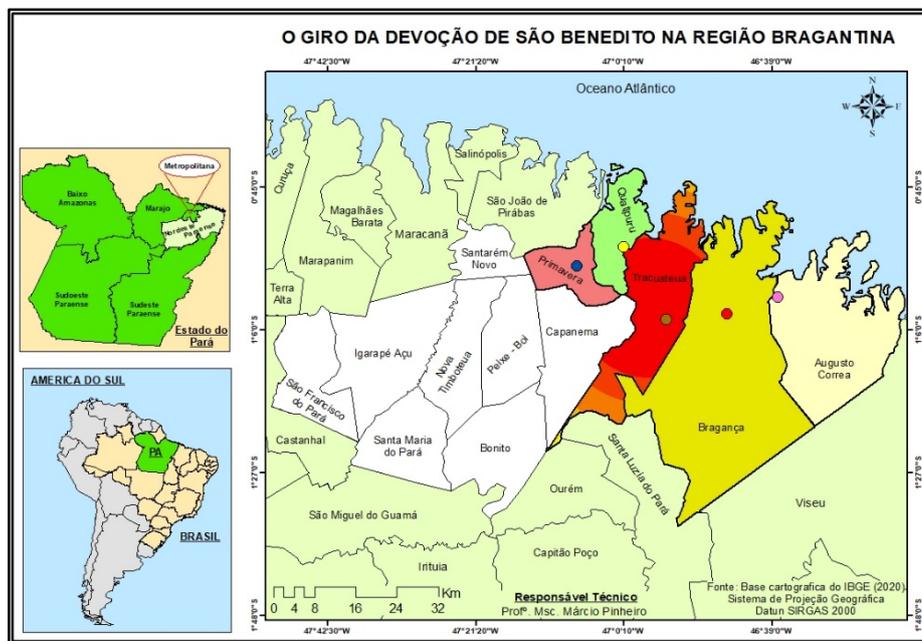
Dessa forma, o artigo apresenta a realidade de um município destacando uma prática cultural que perpassa pela vida dos sujeitos tracuateuenses, uma vez que os rituais são importantes para a gestão e organização do território, pois resguarda a memória e tradição de seu povo e sua história. Os rituais na Amazônia são peças importantes para pensar a sustentabilidade territorial. O cuidar, o preservar o meio podem, também, ser analisados com base na história dos territórios. Pensar a sustentabilidade territorial requer o resguardo e ativação desses rituais desenvolvidos em terras festivas amazônicas que, por sinal, é rica em práticas tradicionais.

Para uma análise consistente da festa da marujada de Tracuateua/PA e sua relação com o patrimônio-territorial em uma perspectiva popular, o artigo está dividido em três itens: o primeiro consiste em uma análise das características inerentes do objeto de pesquisa aqui apresentado, a Marujada de Tracuateua-PA. O segundo problematiza a lógica institucional dos patrimônios pautada pelas políticas da patrimonialização global e questiona a seletividade imposta pelo reconhecimento burocrático do Estado. No terceiro item, destacamos nossa perspectiva popular do patrimônio-territorial como uma

alternativa para (re)pensar os patrimônios no Brasil e na América Latina seguida das principais estratégias inscritas na Festa da Marujada de Tracuateua/PA para a ativação popular de um patrimônio-territorial.

## 1 CARACTERÍSTICAS INERENTES DO TERRITÓRIO FESTIVO DA MARUJADA DE TRACUATEUA/PA

A Festa da Marujada territorializa-se na Amazônia de forma diversa e permanece no cotidiano religioso das pessoas e resiste pelas suas estratégias territoriais. Ela acontece, tradicionalmente, em seis municípios da microrregião bragantina no estado do Pará: Bragança, município onde a tradição originou-se, Tracuateua, Augusto Corrêa, Quatipuru, Primavera e Capanema (apresentadas na cartografia do mapa 02). A tradição da festa nesses municípios possui características semelhantes, como a devoção aos santos padroeiros, os rituais das danças, como o retumbão, o chorado e a mazurca, assim como as indumentárias. Há também aspectos que as diferenciam em seu significado (AMORIM, 2008; MORAES, 2011; SILVA, 2006; e VIEIRA, 2008).



**Figura 2** – Localização da Microrregião Bragantina no Estado do Pará e no Brasil. **Fonte:** Pinheiro (2021); Base Cartográfica do IBGE (2020); Sistema de Projeção Geográfica.

A manifestação cultural e religiosa da Marujada na região bragantina territorializou-se na Amazônia brasileira por meio de suas histórias e tradições festivas, as quais são caracterizadas pelos saberes e fazeres tradicionais inscritos nas memórias e identidades desses grupos. Assim, ao compreender a organização territorial das festas sagradas amazônicas, é possível perceber a produção de territórios religiosos que se desenvolvem a partir de experiências expressivas das religiosidades regional como uma projeção da vida dos sujeitos, isto é, uma expressão da condição humana ou das relações humanas no cotidiano.

A origem<sup>3</sup> da Festa da Marujada está ligada à Irmandade de São Benedito no Pará. Tem seu marco histórico e sua origem em Bragança/PA provavelmente no século XVIII em 1798, com a permissão dos senhores brancos a seus escravos para exaltar e apreciar São Benedito. A partir dessa permissão, os escravos realizaram seus rituais em louvor a São Benedito, formando, assim, a organização de uma irmandade. A partir daí, ocorreu a primeira festa mediante compromisso com o Estatuto da referida irmandade (SILVA, 1981; SILVA, 2002; FERNANDES, 2011).

Neste estudo, o recorte espacial se volta para a Festa da Marujada de São Benedito e São Sebastião, realizada em Tracuateua. A principal característica dessa manifestação religiosa e festiva no município está nas dinâmicas dos rituais, os quais consistem nas diferentes práticas dos marujos e marujas para o rito de adoração a São Benedito e São Sebastião com início no dia 18, prosseguindo até dia 21 de janeiro de cada ano.

Esse conjunto de práticas e rituais dessa festa é planejado e desenvolvido, praticamente, durante todo o mês de janeiro, haja vista serem

---

3 A Marujada de São Benedito é uma festa popular e religiosa com participação da Igreja Católica em sua organização. Ela surgiu em um contexto de conflitos e contradições espaciais de uma relação de senhores e negros escravizados. Essa festividade, ligada ao culto de São Benedito, reporta-se ao século XVIII, mais precisamente ao ano de 1798, dado o surgimento da primeira Irmandade do Glorioso São Benedito. Por conseguinte, essa devoção está ligada ao advento das irmandades na colonização brasileira. A origem dessa festa bragantina está vinculada a um contexto histórico colonizatório, com a grande concentração de quilombos que se estendiam de Bragança a Ourém, no estado do Pará. Dessa conjuntura resultaram muitas manifestações de origens negras africanas, pois em Bragança e em seus arredores concentravam-se atividades agrícolas que proporcionaram um fluxo de mão de obra de escravizados para tal região (Silva, 1997; Fernandes, 2011).

necessárias diversas atividades para o festar, entre elas: a) os *Ensaio*s que orientam as danças; b) a *Levantação dos Mastros* – serve para anunciar simbolicamente o início da festa; c) as *Danças* – podem ser caracterizadas como as *tradicionais*: retumbão, mazurca e chorado, e as *tardias*: xote, carimbó, valsa e contradança; d) as *Missas*: momentos de celebração religiosa e organizada pela igreja católica local; e) *Almoço* e *Jantar*: estes são ofertados pelos juizes e juizas da festa para realização de suas promessas que normalmente são pagas com refeições; f) *Oração do Bendito*: ladainha cantada pelos marujos ao final de cada refeição ofertada; g) *Derrubação dos Mastros*: momento de baixar/derrubar os mastros e a *Varrição* que anuncia o final da festa (Silva, 2017). As imagens a seguir apresentam alguns dos principais rituais presentes nessa festa, os quais são desenvolvidos pelos seus fazedores marcados por bens materiais, imateriais com representações expressas no saber/fazer.



**Figura 1 e 2** – Ritual da dança tradicional: o retumbão. **Fonte:** Pesquisa de Campo (janeiro de 2022).

Uma síntese totalizadora da história da Marujada de Tracuateua poderia ser compreendida pela complexidade do processo em que ela se cria. Sua origem vem de diferentes momentos históricos e nenhum deles pode perder a conectividade com a origem de tal festividade. Logo, para entender essa tradição tracuateuense é preciso compreendê-la pelos seguintes elementos históricos: a) sua história se conecta com a devoção de São Benedito das comitivas de Bragança e pela relação dos negros da comunidade de

Jurussaca<sup>4</sup>; depois, com o processo de colonização de contingentes populacionais do Maranhão (isso só se fortalece com a devoção ao Santo Preto), seguida de cariocas (oriundos do Rio de Janeiro com descendência portuguesa) que contribuíram com a devoção do Santo Branco – São Sebastião; b) sua importância pode ser medida na proporção em que contribuiu para a construção de uma identidade municipal, religiosa, histórica, cultural e social de sua gente; c) sua história demonstra significativas mudanças em seu formato de realização ao longo do tempo, o que tem provocado conflitos em diferentes tempos e espaços, deixando invisíveis importantes comunidades tradicionais e sua relevância para essa identidade da Marujada; d) sua realização, hoje, exige muito mais do que fé e devoção ao santo; demanda planejamento, estratégia, método e muito trabalho, possibilitando a produção de vários espaços com a participação de diversos agentes, onde sua história, memória e identidade indicam um patrimônio construído territorialmente pelos vínculos formados no decorrer da construção de seu território.

Essa festa é organizada pelos fazedores que estão distribuídos entre as lideranças da marujada: capitão, capitoa, vice-capitão e vice-capitoa e a diretoria da associação. Todos são marujos e marujos, porém assumem trabalhos e atividades diferenciadas com a mesma responsabilidade de transmitirem os ensinamentos dos saberes e fazeres com seu estilo próprio, com suas indumentárias, coreografias, ritmos, orações, celebrações, procissões e ladainhas, pois são elementos que representam símbolos sagrados e uma forma de expressão religiosa e de seu elo com as origens da tradição da marujada que está inscrita em um tecido social dentro de uma continuidade histórica, favorecendo uma ativação patrimonial e, portanto, cultural. Representa ao longo do tempo a resistência dessa manifestação, a tradicional Festa da Marujada de dois santos<sup>5</sup>.

---

4 Jurussaca é uma comunidade quilombola localizada a 10 km da sede do município de Tracuateua.

5 A Marujada de dois santos foi um termo criado pelo fotógrafo Flávio Contente e apresentado em seu documentário “Recorte da Festividade de São Benedito e São Sebastião: a marujada de dois santos”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=c3Hk\\_LXbB8E](https://www.youtube.com/watch?v=c3Hk_LXbB8E). Acesso em: 20 abr. 2022.

Nesse sentido, o território religioso da marujada agrega forças e relações de poder que podem favorecer sua resistência e permanência como uma tradição cultural, pois partimos de uma perspectiva de território que compreende as múltiplas dimensões espaciais. Para Raffestin (1979), o território é movimentado por relações de poder, redes de circulação e comunicação, controle, e outros componentes que indicam relações sociais entre sujeitos e destes com seu lugar de vida econômica, política e cultural. Em Haesbaert (2004, p. 19), “o território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação.

Dessa forma, podemos considerar que esse território religioso e festivo da Marujada é composto de um poder/fazer que contribui para suas estratégias de permanência e sobrevivência, sendo essas estratégias todas as práticas, ações e rituais planejados, articulados e desenvolvidos pelos seus sujeitos, com uma continuidade histórica desse fenômeno cultural.

## **2 PROBLEMATIZANDO A INSTITUCIONALIZAÇÃO GLOBAL: POR OUTRA LEITURA DO PATRIMÔNIO**

Em primeiro lugar, devemos esclarecer que nossa preocupação em problematizar as políticas patrimoniais não significa desconsiderar as ações das instituições com os patrimônios, mas complexificar o alcance desse reconhecimento oficial e suas burocracias no processo de tombamentos e registros. Em segundo lugar, para analisarmos a leitura espacial dos patrimônios, precisamos, antes de mais nada, entender de que patrimônio estamos falando. Onde e como ele resiste? Para quem esse patrimônio importa? No entanto, é necessário problematizar e (re)construir esses instrumentos utilizados para chamar (aqui no sentido de institucionalizar) os bens culturais de patrimônios, como alternativas para visibilizar os outros patrimônios – aqueles que não são selecionados ou considerados patrimônios para as instituições ou que não se “destacam” perante essas políticas públicas e burocráticas para a patrimonialização.

Cruz (2012, p. 95), ao discutir a “patrimonialização do patrimônio”, alerta-nos que, antes de entender o que seja patrimônio, é essencial compreender o que seja cultura e sua dinâmica para o espaço, uma vez que a cultura, em si, já representa um processo de construção de modos de viver, que normalmente “se remete a heranças, posse ou propriedade”. Assim esclarece a autora: “[...] a cultura como condição de produção e reprodução da sociedade, não há patrimônio, seja ele material ou imaterial, que não seja cultural. e valores são definidos no complexo jogo de forças presente no interior de uma sociedade” (Cruz, 2012, p. 17).

Nesse sentido, que relação tem o patrimônio com as produções e dinâmicas territoriais? Como ele pode ser pensado nessa dinâmica da “totalidade e de totalizações” do espaço? Para essa análise, partiremos de dois aspectos. O primeiro diz respeito ao que afirma Cruz (2012), ao relacionar a representação do patrimônio ao processo cultural, isto é, o patrimônio, seja ele material ou imaterial, não está dissociado do espaço, tampouco não tem uma representação ou um significado de vida para aqueles que o têm. Ao contrário, o patrimônio marca uma relação de força e de resistência em busca de sua permanência espacial. Assim, seus “atores territoriais” produzem-no e são produzidos mediante os poderes manifestados por suas práticas e ações, as quais subsidiam essa produção territorial.

Dado que o território também é um sistema de ação e de atores cuja existência e permanência dependem da ação de seus atores por meio de suas intencionalidades associadas a suas estratégias territoriais, as produções deles estão ligadas a suas formas de vida e de organização social, e o patrimônio, na perspectiva territorial, existe como uma produção do espaço que move e organiza a vida desses mesmos atores. O patrimônio é, portanto, um complexo de forças, poderes, fazeres e saberes inventados e (re)inventados conforme seus interesses e organizados socialmente em diferentes gerações.

Outro aspecto que nos leva a examinar o contexto e a história desse patrimônio e de seus territórios é o fato de que o bem cultural não pode ser pensado e analisado como um produto estático ou como um produto isolado das diferentes relações ou da totalidade/mundo. É necessária, para o estudo

dos patrimônios, a percepção de seu contexto, sua história, a essência, que tecem as relações e a vida dos sujeitos com seus bens culturais, pois “o território guarda marcas ou heranças do passado” que são vividas e sentidas no presente (Costa, 2015, p. 373).

A partir dessa leitura, da produção dos patrimônios pelas dinâmicas territoriais, Costa (2021) enxerga o patrimônio-territorial como o caminho para pensar e perceber os patrimônios ativados pelas estratégias dos grupos e dos indivíduos espacialmente. O autor percebe, ainda, possibilidades positivas criadas para perpetuar as relações dos sujeitos com seus patrimônios. O patrimônio-territorial, nesse sentido, enaltece as forças construídas pelos processos de territorialização criadas para manter os sujeitos resguardados em seus espaços e suas relações com seus patrimônios. Isso pode ser pensado e defendido, cientificamente, pelas leituras da geografia como elementos representativos das dinâmicas que ajudam a pensar as contradições territoriais dentro da totalidade espacial.

A análise dos patrimoniais, na perspectiva geográfica, não pode estar dissociada do contexto totalizador. Sobre isso, Costa (2015, p. 376), ao analisar o patrimônio urbano, destaca que o geógrafo pesquisador deve possuir elementos teóricos para reconhecer a diversidade que emoldura o patrimônio “[...] material e imaterial e, ao mesmo tempo, identificar os elementos essenciais que diferenciam culturas e representações. [...] buscar a essência que garante a permanência de traços culturais por meio da inquirição territorial”. Do contrário, a potencialidade e a permanência dos patrimônios culturais estão sob risco dessas estratégias e políticas patrimoniais inventadas e burocráticas, discursando protegê-los, mas objetivando transformá-los em produto econômico.

Partimos agora da expressão “o uso do patrimônio como produto econômico” para avançar e problematizar sobre a utilização dos patrimônios nos diversos movimentos espaciais. Nesse caso, existe um movimento conflituoso e contraditório que separa e fragmenta a importância dos patrimônios no espaço, dado que essas políticas patrimoniais assumem um papel de “revitalizar”, apregoando, talvez de forma discreta e disfarçada, uma

estratégia de uso e de troca destes para a dinâmica do mercado. Nesse sentido, essas estratégias de patrimonialização caracterizam-se como políticas seletivas dos patrimônios em seus diferentes territórios. Para essa argumentação, pensemos no que diz Cruz (2012, p. 96):

[...] A permanência de alguns objetos ao longo dos tempos resulta, portanto, de um complexo conjunto de motivações. Por outro lado, faz-se, ainda, oportuno ressaltar que, num mundo assentado no consumo e regido pelo capitalismo, os produtos tangíveis e intangíveis da cultura são tratados pelo mercado como bens necessariamente descartáveis.

Carlos (2017, p. 27) também tece críticas a essa logicidade criada pelas dinâmicas internacionais de olhar o patrimônio pela seletividade das políticas. A autora observa que o patrimônio, diante dessa institucionalização global, aparece como uma mercadoria de grande valor no espaço. Nesse sentido, para a autora os territórios ficam comprometidos com suas histórias e memórias, diante dessa seletividade política, uma vez que “o patrimônio oficial surge da possibilidade de congelar no lugar, [...] é passível de ser consumido, portanto vendido, como fenômeno que distinguiria um sentido e um estilo para o consumo deste lugar”.

A partir dessas análises, percebemos a necessidade de uma perspectiva, para o nosso estudo, que atenda ou perceba esses patrimônios por uma lógica em que tais bens patrimoniais sejam vistos em suas interações e ligações afetivas, que ascendam os espaços outros não como produto a serviço do mercado, e sim daqueles em que o sentimento de pertencimento ao lugar resiste, observando o território como um ponto de despertar as relações favoráveis à construção de um vínculo afetivo entre o sujeito e seu patrimônio, porque a satisfação desses territórios é o reconhecimento de suas riquezas (i)materiais guardadas na/pela história e memória de seus antepassados.

Costa (2015, p. 38-39), ao questionar essa lógica global da patrimonialização, busca, pela diversidade e riquezas dos lugares, uma visibilização dos diferentes saberes e fazeres dos grupos populares. Ele destaca e apresenta possibilidades de patrimonializar as manifestações e as tradições culturais por meio das relações identitárias e afetivas estabelecidas

nas vivências e experiências dos grupos, uma vez que essa relação é construída pelas estratégias territoriais.

[...] a patrimonialização global revela uma potência vertical de transformação de lugares singulares, uma generalidade que transforma particularidades e que é movida, dialeticamente, pelas últimas. [...]. A patrimonialização desponta, como mecanismos socioeconômico e cultural moderno de transformação dos territórios de identidades, de ressignificação dos lugares da memória, notoriamente em nome do capital.

Nesse sentido, mais uma vez, ressaltamos que o autor apresenta uma proposta de pensamento e de ação sobre o que considera patrimônio, visto que a história dos territórios guarda elementos e símbolos territoriais capazes de subsidiar uma leitura de nossos antepassados, bem como resguardar a memória dos diferentes lugares.

Problematizar essa maneira global de patrimonializar os bens culturais conduz a uma escolha, pois, para um bem tornar-se tombado ou registrado oficialmente, requer um alinhamento burocrático das políticas dos bens culturais e territoriais. Logo, pensar um patrimônio pela perspectiva do patrimônio-territorial é uma forma de resistir a essa lógica imposta pelas normativas internacionais/globais que, muitas vezes, é apropriada pelo capital.

Não podemos, por conseguinte, negar o papel dos órgãos de preservação e restauração dos patrimônios culturais, como do Iphan no Brasil, principalmente de áreas e centros históricos brasileiros. No entanto, o grande problema está em sua forma de seleção, em que, ao mesmo tempo que escolhe um, nega o outro, pois, assim como a legalidade desses patrimônios não chega a todos, há uma segregação no uso desses patrimônios oficiais.

Assim, percebemos nessas análises a existência de saberes, fazeres e relações de identidade e de memória em diferentes bens culturais, que preservam as diversas tradições, independentemente se são oficializados ou não. Nesse sentido, compreendemos que o patrimônio é existente na cultura, nos lugares e nos territórios. Ele só precisa de um olhar mais atento para ser enxergado e analisado, por isso o patrimônio cultural oficializado não são as únicas maneiras de notar os bens culturais. O patrimônio-territorial representa, aqui, essa outra leitura sobre os patrimônios. Uma leitura em benefício dos

grupos sociais e dos territórios que resistiram, durante anos, o comando colonial do poder e do saber e que conseguem ativar, por meio de suas estratégias territoriais, seus bens patrimoniais.

### **3 SISTEMATIZAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS PARA A ATIVAÇÃO DA MARUJADA DE TRACUATEUA COMO PATRIMÔNIO-TERRITORIAL**

As manifestações representadas a partir de seus territórios fortalecem e dão importância à relação das pessoas com suas heranças culturais e territoriais. Logo, a relevância da identificação e do reconhecimento dos bens culturais, para além da institucionalização, favorece o protagonismo dos sujeitos por meio de seus saberes e fazeres necessários à ativação do patrimônio-territorial.

Portanto, a discussão em torno da categoria patrimônio-territorial assume, neste estudo, uma função ativa nas dinâmicas territoriais na tentativa de um reconhecimento das vivências coletivas que envolvem as diferentes faces da vida social, isto é, a ativação do patrimônio de diversas comunidades humanas, entre elas a Festa da Marujada de Tracuateua. São constructos e “produtos gerados pelas classes populares que costumam ser mais representativos da história local e mais adequados às necessidades presentes do grupo que os fabrica. Constituem, nesse sentido, seu próprio patrimônio” (Clanclini, 1999, p. 18).

Pensar na existência de um patrimônio-territorial é buscar “alternativas de vida e representatividade culturais. Deve ser um esforço coletivo para maximizar condições materiais de existência e minimizar o estigma social que subjuga sujeitos e grupos latinos” (Costa, 2016, p. 62-69). Reminiscências africanas e indígenas na religião, no folclore, na música, entre outros, são exemplos que o autor aplica para pensar essa utopia do patrimônio-territorial. O desenvolvimento de um patrimônio na perspectiva territorial depende de “elos conectores” e de uma metodologia que atente para a vivência e conhecimentos dos lugares, isto é, o lugar do patrimônio, dos sujeitos e de suas histórias e experiências, uma vez que a ativação do patrimônio-territorial deve ser sempre local. Parte-se do reconhecimento do lugar para a conexão “exterior e ulterior”.

O autor deixa claro que essa proposta de ação, percepção e conhecimento deve evidenciar o protagonismo do sujeito, como “transformadores e transformados pelo mundo”. Por essa razão, eles devem ser vistos como “centro da ativação e preservação” do patrimônio, bem como detentores deste.

Dessa maneira, entendemos que a Festa da Marujada de Tracuateua/PA insere-se nessa perspectiva, pois ela é caracterizada por fazeres e saberes que vão desde as danças, as rezas, as ladainhas, as procissões, até a devoção aos santos padroeiros. Uma manifestação que contempla a materialidade e a imaterialidade simbólicas, seguindo de uma temporalidade histórico-cultural marcada pelos costumes e tradições do negro africano, assim como assinalada por territorialidades construídas pelas práticas e rituais que constituem o modo de viver do grupo.

Em outras palavras, podemos dizer que a Festa da Marujada desenvolvida em diferentes territórios da Amazônia paraense é fortemente ativada pela população local que contribui amplamente com a preservação do patrimônio cultural por meio de suas vivências, neste caso a Marujada de São Benedito e São Sebastião de Tracuateua. Além disso, seu território religioso e festivo é organizado e mantido por variadas ações que favorecem sua ativação e sua manutenção. É um bem que possui forte significado para seus sujeitos.

O processo de territorialização pelas estratégias e ensinamentos articulados é um elemento que marca essa festa, pois ela está resistindo há mais de cem anos no município de Tracuateua. Cada prática perpassa por um processo de aprendizagens estabelecidas por meio de um planejamento organizado e construídas por seus fazedores, que as transmitem de geração em geração. No item a seguir, elegemos algumas dessas estratégias praticadas e desenvolvidas pelo grupo que mantêm viva e ativa a Festa da Marujada de Tracuateua/PA. São elas:

#### **a) Memória histórica: a resistência da festa**

A primeira estratégia é o próprio reconhecimento memorial dos sujeitos, isto é, a memória histórica que expressa na festa. Essa vivência se manifesta, em primeiro lugar, pelos eventos vividos individualmente pelos

marujos e marujas; em segundo, pelas experiências coletivas do grupo, nas quais os sujeitos habitam no pertencimento da festa. A relação com a memória pode, então, considerar “os acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo” (Polak, 1992, p. 201). Em outras palavras, a festa da marujada retrata a memória de pessoas negras e escravizadas que imprimem nela uma vida de exploração, conflitos, mas também de esperança, de força e de resistência dessa tradição.

A história, marcada pelas memórias, simboliza a luta pela qual os inventores dessa tradição enfrentaram para existência da festa. Uma luta que, ao longo do tempo, registrou a consciência da própria identidade, aprimorando habilidades e capacidades de resistências de suas culturas. Esses laços de pertencimento com a história dessa festividade estão expressos nos marujos e marujas quando se reconhecem como fazedores e mantenedores da existência da tradição e, ao mesmo tempo, buscam ensinamentos e aprendizagens para resistir a qualquer lógica que oculta esse território festivo, pois:

A Marujada é o nosso patrimônio. Ela significa muito pra nós. Aqui, na festa está a nossa fé. Aqui nós somos todos bem tratados. Todos nós temos a mesma fé em São Benedito e São Sebastião (Maria José – Entrevista realizada em junho de 2019).

São três noites de festa... [...] ah eu gosto muito! Participo dos três dias e mais os ensaios...[...] os marujos e marujas rezam, cantam. Eles agradecem e pedem... Eu ajudo rezar o Bendito. Não sei muito!!! (Risos). Vem muita gente e de todo lugar, é uma festança muito bonita! Todo ano eu tenho uma promessa pra pagar... Ah! Lá eu tô segura (Andrelinha Ferreira – Entrevista realizada em janeiro de 2022).

A partir das falas, percebe-se um elo dos sujeitos com a festa com certo alinhamento entre o significado e a importância dessa tradição. Compreende-se um sentimento de importância entre eles e elas. Esse pertencimento liga-se à história da marujada como um referencial cultural de vivências e relações sociais que marcaram um período da história de um grupo e que é vivenciado por diferentes gerações, fazendo dessa tradição um patrimônio vivo, uma vez que

[...] o patrimônio-territorial surge da possibilidade de congelar, num determinado lugar, a representação das relações sociais, que permitem a construção de uma história coletiva e, desse modo, uma identidade constituidora de uma memória coletiva (Costa, 2011, p. 27).

## **b) Relações identitárias**

A segunda estratégia, alinhada à primeira, favorece as estratégias identitárias da festa, isto é, a relação identitária, pois, para Polak (2011, p. 205), “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade”. Isso se dá pela existência dos laços de pertencimento no/do grupo pelos marujos e marujas em geral e pelas lideranças dos grupos, denominados coordenação da associação e lideranças da irmandade, como capitão, vice-capitão, capitoa e vice-capitoa e por todos aqueles que estão envolvidos nessa expressão cultural festiva.

Os sujeitos da festa assumem um papel de organizadores, assim como de fazedores da festa. O fazer a festa requer diferentes ações que realizem o desenvolvimento da festividade no compartilhamento do saber/fazer para suas atividades como: as danças, as orações, o respeito mútuo pelos mais velhos da festa, conforme imagens a seguir. Isso pode ser constatado na fala da maruja quando diz:

A marujada é nosso patrimônio. Ela é representada pelos santos e sem ela não podemos chegar às nossas graças. Ela tem muito significados para nós. Uma vez eu disse pro “Flávio” que quando chega no dia da festa quem está doente fica bom na hora (Risos). Eu gosto muito da marujada de Tracuateua. Todo ano eu estou lá pra dançar, porque eu tenho sempre alguma coisa pra agradecer e viver com os amigos e outros marujos (Maria José – Entrevista realizada em junho de 2019).

A fala da maruja é reveladora de uma identidade vivida coletivamente. O elo e a ligação dos marujos e marujas com a festa e seu reconhecimento de identificação com as práticas, saberes e fazeres deixam evidente a existência de uma relação afetiva e de pertencimento dos participantes, bem como são mencionadas referências de identidade pelas origens do passado para o reconhecimento do grupo de seu patrimônio. Em outras palavras, a “construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros” (Polak, 2011, p. 206). Isso pode ser percebido na participação e atuação dos sujeitos dessa festa,

dado que o fazer festivo requer um empoderamento das aprendizagens que circundam a festividade da marujada de Tracuateua.

A mobilização desse grupo é feita pela ação de vários agentes envolvidos, como as lideranças da marujada, a igreja católica, a gestão pública local. Eles determinam a atuação dos sujeitos no tocante à preservação desse patrimônio, pois, para Costa (2016, p.05),

[...] o legítimo patrimônio local é o próprio povo, porque por sujeito-patrimônio entendemos o ser da existência corpórea em sua relação direta com o mundo; produto e produtor material e imaginativo deste dito mundo em vias de patrimonialização.

Em outras palavras, as estratégias de sobrevivência patrimonial surgem, a partir do momento que o grupo percebe a importância de seu patrimônio para eles e para o lugar onde vivem.



**Imagens 3 e 4** – Rituais de dança na marujada de Tracuateua/PA. Fonte: Acervo pesquisa de campo (janeiro de 2019).

As Imagens 3 e 4 destacam os laços e as relações presentes, principalmente nos rituais festivos da Marujada e entre os fazedores dela. Evidenciam ainda os detalhes minuciosos que fazem parte dessa festividade como as danças, as cores e as indumentárias que também são representativas de suas práticas. Suas cores estão associadas à devoção dos santos. O vermelho é usado para São Benedito e o azul para São Sebastião. Outrossim, as sete fitas estendidas no chapéu das mulheres (marujas) representam a quantidades de escravos que deram origem à Festa da Marujada na região bragantina. De modo geral, a primeira imagem apresenta um ritual de dança: o chorado; a segunda destaca o retumbão, também caracterizando uma dança presente na Festa da Marujada. Ambas as danças citadas compõem-se como

ritmos tradicionais que perduram por mais de dois séculos, marcadas por uma identidade e originalidade negra e africana.

Essa identidade cultural e religiosa presente na festa da marujada é marcada pelos seus rituais, representados por seus símbolos culturais e territoriais, e pelas danças, que é um desses símbolos. Além desses, existem outros com uma vasta diversidade quanto a seus usos, como a imagem em diversos momentos da festividade, as danças, as indumentárias, as celebrações, as orações, entre outros, que estão associados à identidade desse território festivo e que ressaltam um passado histórico de grande representatividade e, em muitos casos, é o que traz inspiração para a permanência ou a propagação desses grupos.

Nesse sentido, Almeida (2015, p. 109) faz uma leitura de que o termo patrimônio festivo é adequado por ele possibilitar pensar as festas um lugar no território, “em estreita relação com os processos de identificação que produzem e elaboram os grupos sociais que habitam este território”. Portanto, ela nos favorece a percepção de que as festas são patrimônios, porque elas desenvolvem relações subsidiadas por suas simbologias que representam suas identidades grupais reveladoras de um conteúdo territorial.

### **c) A dança: afirmação da tradição**

A dança, prática que marca um dos mais tradicionais rituais dessa festa, constitui-se em uma estratégia simbólica para determinar a diferença. O papel simbólico, exercido pela dança na Marujada de São Benedito e São Sebastião, sinaliza o desenvolvimento de um conjunto de práticas e de movimentos que se caracterizam naquilo que Silva (1997, p. 272) chama de “a expressão viva do mito”. Em outras palavras o autor declara que a dança na marujada representa a “afirmação dos nós diante dos outros”.

A dança da marujada é representada por passos, gestos e expressões culturais próprios dos grupos inventores. O uso dos uniformes, dos chapéus e seus enfeites, dançar com os pés descalços, a apresentação no barracão, a dança pelas ruas, o uso das imagens dos santos como centralidade de qualquer ritual, tudo faz dessa prática uma expressão viva da tradição.

De acordo com Silva (1997, p. 273), a dança nessa festa religiosa “nasceu a partir do referencial da escravidão, incorporou ao longo dos anos os valores e as vicissitudes dos primitivos escravos”. Nos gestos e nos movimentos, até mesmo nos adornos usados, o que se expressa é uma experiência de escravos com traços de conflitos e tensões. Escreve o autor:

Na dramatização da dança o que se conta sempre é a história da escravidão. Nesse sentido, [...] essa identidade que a cada ano se reconstrói, está relacionada a um passado histórico e mítico. A sua função, enquanto ritual, é de atualizar essa narrativa mítico-religiosa tal como teria sido vivenciada pelos seus antepassados, para os quais a dança correspondia também a um momento de liberdade de autoafirmação, mesmo sendo escravos (Silva, 1997, p. 273).

Na fala do vice-capitão da marujada, as danças correspondem e afirmam a identidade com traços mais tradicionais da festa. “São vários os nossos rituais, mais os da dança, são os mais antigos. As nossas danças representam a vida dos nossos irmãos pretos, nossa identidade negra. Ah, essa dança tem história” (José Nazareno – Entrevista realizada em janeiro de 2022).



**Imagens 5 e 6** – Rituais de dança na marujada de Tracuateua/PA. Fonte: Acervo pesquisa de campo (janeiro de 2023).

As imagens 5 e 6 destacam a presença deste ritual na Marujada de Tracuateua. Nas imagens, observam-se casais dançando o ritmo do chorado, é o terceiro ritual na ordem das danças. Nela, os marujos e marujas vestem azul representando São Sebastião. Por sua vez, nas Imagens 7 e 8, a apresentação das danças acontece na cor vermelha em homenagem a São Benedito, e eles e elas dançam com os pés descalços.



**Imagens 7 e 8** – Rituais de dança na marujada de Tracuateua/PA. **Fonte:** Acervo pesquisa de campo (janeiro de 2019).

Desse modo, dançar com os pés descalços em ritmos próprios representa uma afirmação do grupo. Os pés tocando o chão expressa uma homenagem a seus antepassados e um gesto de saudação às autoridades. Para Silva (1997), os pés sem a proteção de um calçado é um ato de rememorar os escravos em suas senzalas.

Tal gesto revela a subserviência, a permissividade, que regulavam a relação entre senhor e escravo. Esse sentido de subserviência e de resignação são encontrados nos marujos e marujas, no momento em que eles assumem a identidade de “escravos de São Benedito” (Silva, 1997, p. 273).

Assim, a dança é um ritual que afirma a identidade do grupo e ajuda a manter a tradição no tempo e espaço da festa. Ela colabora para a resistência territorial, caracterizando-se como estratégia implicada na condução dos conflitos vividos para a arte permanecer viva e ativada.

#### **d) Manutenção e preservação dos arranjos físicos e humanos**

Essa estratégia agrega a ativação da Festa da Marujada como patrimônio-territorial e pode ser entendida como a manutenção e preservação desse patrimônio com ações que agrupam o arranjo físico e humano dos locais, das práticas e dos símbolos para o acontecer da festa.

Em entrevista e nas observações, foi possível analisar que esse plano acontece por meio de uma contribuição financeira dos marujos e marujas

(também conhecidos como associados). Essa contribuição é destinada às despesas necessárias da festividade, bem como são articulados grupos de marujos para organizarem trabalhos voltados a ações educativas que favorecem para manter viva a história da tradição. Outro ponto dessa estratégia é a existência dos leilões (Imagem 9), pois eles ajudam no custeio de ações na realização dessa manifestação.



**Imagem 9** – Realização da prática do leilão na marujada de Tracuateua/PA. **Fonte:** Acervo pesquisa de campo (janeiro de 2019).

Compreendeu-se que tanto as contribuições financeiras mensais efetuadas pelos marujos e marujas (sócios e sócias na marujada) quanto a realização dos leilões são estratégias usadas pelos fazedores da festa para, de alguma forma, manter-se ativa e arraigada na cultura amazônica brasileira. São ações que contribuem para a existência dessas experiências vivas nas identidades regionais e locais.

Outro ponto dessa estratégia está relacionado à ampliação da festa, o que requer divulgação e adoção de novas parcerias por meio de instituições parceiras da Marujada. Em uma entrevista com o vice-capitão da marujada sobre as ações que o grupo desenvolve para a manutenção física e humana da festa, obtivemos a seguinte fala:

[...] Não é fácil manter a festa, porque nós precisamos de muita coisa para mantê-la. Mas a gente se vira. Aqui todos os marujos que participam da festa devem pagar uma taxa para dançarem. Para os marujos que só pagam promessas na procissão não precisa pagar a taxa. Esse valor é cobrado porque nós temos muitas despesas. Por exemplo: nós precisamos contratar os músicos para os ensaios e para os dias 18,19, 20 e 21 de janeiro, que são do auge da festa, e

eles precisam receber. Além disso, precisamos manter o salão sempre em boas condições e isso gera despesas. Também precisamos contar com o apoio dos marujos na organização da festa. E para isso, nós criamos grupos para, de alguma forma, eles possam organizar os fazeres de nossa festa (NAZARENO SANTOS, entrevista concedida em janeiro de 2020).

Portanto, podemos analisar que os grupos desenvolvem trabalhos para enfatizar o potencial patrimonial dentro de uma diversidade de elementos com significados locais. Esses elementos, considerados aqui como territórios, sustentam e revelam um patrimônio-territorial articulado e vivido pelos sujeitos.

#### **e) Serviço de esmolação: caminhada com o sagrado**

Esse ritual pode ser considerado uma estratégia utilizada e praticada pelo grupo. Essa prática se caracteriza pelas andanças e pelas caminhadas das imagens dos santos São Benedito e São Sebastião nas ruas e, conseqüentemente, nas residências dos devotos e promesseiros da festa em Tracuateua/PA. Nessas visitas, os foliões rezam orações e ladainhas. Silva (1997, p. 62), em um aspecto mais social e econômico, ressalta que o serviço de *esmolação* é uma “estratégia de negociação com a realidade”, pois muitos dos marujos, que agregam esse ritual como serviços, deixam suas casas e famílias por um longo período, é, então por meio da “esmolação que se faz um momento ressignificativo com vista a que ela se converte em momento privilegiado de provisão de subsistência” (Silva, 1997, p. 62), tanto para os foliões quanto para a irmandade ou para o grupo em questão.

O movimento dos *esmoleiros* é uma prática em que os foliões (formados por marujos e marujas), que caminham com as imagens de dois santos, São Benedito e São Sebastião, adentram em casa em casa dos devotos para atuarem com suas rezas e ladainhas, assim como para receberem donativos dos promesseiros. Como podemos observar na Imagem 10, as bandeiras sinalizam o movimento dos santos pelas ruas da cidade indicando que suas comitivas já estão em ação.



**Imagem 10** – Comitiva dos Esmoleiros na festa da marujada de Tracuateua/PA. Fonte: Acervo pesquisa de campo (janeiro de 2019).

Na Imagem 10, há dois foliões que seguram as bandeiras movimentando-as de um lado para outro, fazendo um cruzamento entre as duas bandeiras. Logo atrás dos foliões bandeiristas estão as mulheres carregadoras dos santos e, na terceira fileira, encontram-se os *tamboristas*, que seguram e batem os tambores, que se juntam com os demais devotos que acompanham a *comitiva das esmolações*.

Entretanto, Silva (1997) analisa que, além dos aspectos supracitados, há um elemento talvez mais forte, o religioso e o simbólico da esmolação, visto que a grande maioria dos que participam das comitivas é motivada por uma devoção ou pagadores de promessas, mantendo assim sua relação com a religiosidade. Isso pode ser percebido na fala do coordenador da comitiva de São Benedito e São Sebastião: “Nós estamos aqui pelos santos. [...] Nós estamos a serviço deles. [...] Tudo que for angariado e para a festa deles” (Coordenador da Comitiva da *esmolação* – Entrevista concedida em janeiro de 2020).

Esse depoimento corporifica a vivacidade da tradição por intermédio das visitas, pois lembra, de alguma forma, aos devotos que a festa se aproxima. Além disso, há uma relação de trocas simbólicas que se manifesta no dia a dia dessa *esmolação*, uma vez que os promesseiros oferecem algo para o “santo” em troca de uma promessa e/ou em pagamento de uma graça concedida. Nas consignações de tais animações, o homem busca na religiosidade formas de expressar sua confiança e seus valores por meio de atitudes e comportamentos simbólicos e materiais.

Por sua vez, a *esmolação* dos santos pode ser apontada como um dos fenômenos que melhor representam os anseios apelativos desse homem e dessa mulher religiosa que atuam na marujada, especificamente no serviço de *esmolação*. Suas participações denotam manifestações de fé e devoção baseadas nesse ritual de caminhada de casa em casa, recebendo esmolos, com os santos. Essa prática fortalece a tradição, pois ela está interligada pelas convicções religiosas dos participantes da festa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Foi precisamente para esclarecer de modo diverso o processo de patrimonialização imposto pela lógica global que questões como a ativação popular dos bens culturais foram fundamentais para formular o que nos parece ser o primeiro esforço em uma reflexão sobre a importância da ciência para valorizar esses bens.

É preciso (re)pensar o obstáculo criado pelas políticas patrimoniais para os registros e os tombamentos dos bens culturais, pois ele negligencia os “outros” patrimônios, aqueles que estão em “território de exceção”. Oculta a riqueza dos grupos sociais e suas práticas culturais, por isso olhar a festa por uma perspectiva que valorize sua história, sua memória e seus sentimentos de integração torna possível sua ativação patrimonial.

Portanto, por meio deste estudo, percebemos que a ativação de um patrimônio não está unicamente representada pela institucionalização patrimonial, mas sobretudo pela relação e reconhecimento dos sujeitos com seus bens culturais e reveladores de resistência. O patrimônio-territorial ativado pode valorar, popularmente, territórios tradicionalmente excluídos, ou seja, a preservação e a permanência de culturas tradicionais, o que depende da manutenção e da resistência dos saberes e fazeres e dos significados dos grupos para os diferentes territórios.

A Festa da Marujada de Tracuateua é uma manifestação cultural religiosa que resiste a essa colonialidade por se manter ativada popularmente em seu território, uma vez que abarca um conjunto de práticas sociais

contempladas por um simbolismo religioso, as quais representam inúmeras ações e estratégias que compõem um ordenamento territorial resultante das experiências, dos saberes e fazeres associados a uma prática religiosa.

Embora a ativação do patrimônio cultural seja atualmente um desafio diante dessa lógica mercadológica, é importante destacar esses bens imateriais como a Festa da Marujada, um bem que está associado a um saber-fazer de um povo/grupo. Contudo, é também papel das ciências revelar esses espaços e grupos patrimonializados pelas suas próprias existências e experiências territoriais. É uma tarefa árdua, porém necessária, para os pesquisadores problematizarem a pouca visibilidade desses grupos minoritários que trazem consigo uma herança, um legado de saberes e práticas sociais que podem e devem ser considerados patrimônios.

Para o grupo, essa festa significa um patrimônio com um valor simbólico que se inscreve na religiosidade representada pelos seus diferentes rituais. Representa o legado deixado pelos negros africanos; um bem simbólico com relevância afetiva e identitária, pela razão de preservar e reorganizar seus símbolos, suas práticas e seus recursos para a nova coletividade e com sua identidade social cultural.

A marujada reverte-se como alternativa de “emancipação popular”, reforçando seu protagonismo de lutas passadas, porque a festa agrega patrimônios por sua expressão tradicional com horizontes simbólicos e carregados de significados, de aprendizagens de partilha de conhecimento, de comunhão, de legitimação e reconhecimentos coletivos com dimensão imaterial em seu território.

A preservação dessa expressão cultural se mantém viva pela atuação dos sujeitos, pois, quando eles criam ações para valorizar e fazer acontecer suas culturas, estão, de alguma forma, ativando seu patrimônio-territorial. Assim sendo, o papel das comunidades e desses grupos é de extrema importância para a preservação patrimonial dos bens culturais na Amazônia brasileira.

As relações em torno dos territórios festivos são, portanto, relações de negociações e disputas, processo em que os aspectos da memória, da tradição

e da identidade se operam como bases para a sustentabilidade territorial. Em outras palavras, o patrimônio-territorial corrobora para os projetos de territorialidades, ou seja, de formas de ocupar com responsabilidade e significar as relações territoriais.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda de. As espacialidades do patrimônio festivo, e ressignificações contemporâneas no Brasil, Colômbia e no México. *In*: ROMANCINI, Sonia Regina; ROSSETTO, Onélia Carmem; NORA, Giseli Dalla (org.). **As representações culturais no espaço**: perspectivas contemporâneas em geografia. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2015. p. 106-138.

BERTONCELLO, Rodolfo. Turismo y patrimonio, entre la cultura y el negocio. *In*: PAES, Tereza Duarte; OLIVEIRA, Melissa Ramos da Silva. **Geografia, turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Annablume, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Prece e folia**. Festa e romaria. Aparecida: Ideias & Letras, 2010.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.

COSTA, Everaldo Batista da. A dialética da construção destrutiva na consagração do patrimônio mundial. **OLAM Ciência & Tecnologia**, Rio Claro, ano VIII, v. 8, n. 1, jan./jun. 2008.

COSTA, Everaldo Batista da. **Cidades da patrimonialização global**: simultaneidade, totalidade urbana – totalidade – mundo. São Paulo: Humanitas, FAPESP, 2015.

CRUZ, Rita de Cassia Ariza da. **PATRIMONIALIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO”: ENSAIO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE TURISMO, “PATRIMÔNIO CULTURAL” E PRODUÇÃO DO ESPAÇO**. Artigo publicado na revista GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 31, pp. 95 - 104, 2012.

FERNANDES, José Guilherme dos Santos. **Pés que andam pés que dançam**. Memória, identidade e religião cultural na esmolação e marujada de São Benedito. Belém: Edupea, 2011. (Coleção Saberes Amazônicos.)

HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Manifestação da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. p. 169-190.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Guacira Lopes. Rio de Janeiro: DP& A, 2005.

HOSTENSKY, Ilka Lima. Patrimônio-territorial de quilombos no Brasil: caso da Nação Xambá do Portão do Gelo – PE. **PatryTer – Revista Latino-americana e Caribenha de Geografia e Humanidades**, v. 3, n. 6, p. 185-201, 2020.

IKEDA, Alberto Tsuyoshi; PELLEGRINI FILHO, Américo. Celebrações populares: do sagrado ao profano. *In*: SETUBAL, Maria Alice (org.). **Manifestações artísticas e celebrações populares no Estado de São Paulo**. São Paulo: Imprensa Oficial/Cenpec, 2008. p. 141-167. (Terra paulista: histórias, artes, costumes, v. 3.)

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

NIRO, Cíntia. As dimensões culturais e simbólicas nos estudos geográficos: bases e especificidades da relação entre patrimônio cultural e geografia. *In*: PAES, Tereza Duarte; OLIVEIRA, Melissa Ramos da Silva. **Geografia, turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Annablume, 2010.

PAES, Maria Tereza Duarte. Patrimônio cultural, turismo e identidades territoriais um olhar geográfico. *In*: BARTHOLLO, Roberto; SANSOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (org.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 162-176.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática. 1979.

ROSENDAHL, Zeny. O espaço, o sagrado e o profano. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Manifestação da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

SILVA, Dedival Brandão. **Os tambores da esperança: um estudo sobre cultura, religião, simbolismo e ritual na festa de São Benedito da cidade de Bragança**. Belém: Falangola Editora, 1997.

SILVA, Dilma Oliveira da. Crianças que dançam, crianças que louvam: saberes e processos educativos presentes na Marujada de Tracuateua/PA. **Revista Cocar**, Belém, v. 11, n. 22, jul./dez. 2017.

TEDESCO, João Carlos; ROSSETO, Valter. **Festas e saberes**. Artesanato, genealogias, e memória imaterial na região colonial do Rio Grande do Sul. Passo Fundo: Méritos, 2007.